

14

Um universo de lutas: transmídia, ativismo e juventudes pelo clima

Ana Carolina Druwe
Universidade de São Paulo

Introdução

Os impactos da ação humana sobre o meio ambiente vêm sendo o foco das discussões sobre o futuro global. Imagens da catástrofe climática estão cada vez mais presentes nos meios de comunicação, que prenunciam uma crise sem fronteiras. Episódios como incêndios, ondas de calor mortais, perda da biodiversidade, derretimento de geleiras, enchentes, tempestades e escassez de água compõem o imaginário da crise climática que atravessa a cultura de massa, preenche os noticiários e também vira enredo nos filmes de Hollywood.

Quando associados a dados científicos, esses episódios se tornam visíveis na forma de gráficos exponenciais que alertam para a necessidade de desaceleração, redução e revisão do nosso modo de vida enquanto estratégia de sobrevivência da espécie humana. O ecologista e filósofo Timothy Morton (2018) costuma dizer que, para entender a complexidade do aquecimento global, é necessário pensá-lo como um “hiperobjeto”, um fato conceitual muito grande e distribuído pelo tempo e espaço, o qual nós, humanos, somos incapazes de compreender na sua totalidade.

Com o objetivo de construir um consenso quanto à importância desse debate na esfera pública, surgem estratégias fragmentadas de visibilidade desse “hiperobjeto” por parte da sociedade civil. É o caso das greves globais pelo clima - protestos que reúnem milhares de ativistas, em sua maioria jovens em idade escolar. A mobilização é sincronizada em diferentes cidades e países, exigindo de governos do mundo todo ações concretas para mitigar os efeitos do aquecimento do planeta. As primeiras greves globais pelo clima tinham

como objetivo central interferir em fóruns sociais, de modo a chamar a atenção da imprensa para a necessidade dos governos criarem legislações mais rígidas para garantir a temperatura global abaixo de 2°C em respeito ao Acordo de Paris, assinado em 2015 num compromisso global de redução das emissões de gases que causam o efeito estufa.

As greves globais pelo clima levaram 7,6 milhões de pessoas às ruas em 2019 (MOOR *et al*, 2020; FISHER e NASRIN, 2021) ao usar estratégias online e offline conduzidas por um movimento constituído, em grande parte, por estudantes: o movimento *Fridays for Future*. Sem liderança formal, o movimento se estrutura globalmente usando as tecnologias digitais para compor um ecossistema midiático que promove tanto a ação direta, na forma de ocupação do espaço público, como a circulação da informação na forma de conteúdos digitais.

O presente artigo propõe situar o movimento *Fridays for Future* no cenário do ativismo contemporâneo enquanto uma forma de coletividade que ganha dimensão global a partir da sua ação comunicativa. A partir de Castells (2017), abordamos algumas das características dos movimentos em rede e relacionamos suas práticas de autonomia às táticas que Sarah Pickard (2019) define como *Do-It-Ourselves* [Façamos-nós-mesmos, em tradução livre], utilizadas por esses jovens ativistas pelo clima para visibilizar sentimentos de angústia e ansiedade diante da falta de ação das instituições.

Sob a ótica dos estudos das mídias, identificamos o *Fridays for Future* como fenômeno decorrente da convergência das mídias, termo criado por Jenkins (2009) para se referir aos novos modelos participativos que surgem da cultura do consumo. Nesse sentido, apresentamos o conceito de transmídia para descrever a maneira como o movimento se comunica de forma a conectar a experiência dos ativistas e formar uma narrativa global do ativismo climático. Argumentamos que a linguagem usada pelo movimento *Fridays for Future*, que é caracterizado como um ativismo transmídia (HANCOX, 2019), atravessa diferentes formatos e mídias, abarcando múltiplas vozes na composição de um movimento transnacional em defesa do meio ambiente.

1 Sextas-feiras pelo futuro: um ativismo global

O movimento *Fridays for Future* nasceu de um gesto pontual. Em agosto de 2018, a jovem sueca Greta Thunberg, com apenas 15 anos, decidiu não ir à escola e preferiu protestar em frente ao Parlamento de Estocolmo. Segurando um cartaz com a frase “*Skolstrejk för klimatet*” [Greve escolar pelo clima] escrita à mão, Greta cobrava ações efetivas de governantes no combate ao aquecimento global. O gesto da jovem foi compartilhado nas redes sociais e rapidamente viralizou. Sob a hashtag *#SchoolStrike4Climate*, mais jovens aderiram à ideia, publicando mensagens e *selfies* com as mesmas palavras de ordem que decretavam emergência climática.

Em 21 de agosto de 2018, um dia após a primeira ação de Greta, mais jovens se reuniram em frente ao Parlamento de Estocolmo e o espaço passou a ser ocupado todas as sextas-feiras, atraindo atenção da mídia local e, posteriormente, internacional. A ação se converteu na criação de um movimento, que num primeiro momento se espalhou por nove países. O movimento *Fridays for Future* passou então a organizar mobilizações em diversas capitais e se espalhou por outros continentes. Em Sydney, por exemplo, o primeiro-ministro da Austrália, Scott Morrison, condenou as greves escolares pelo clima que reuniram, na ocasião, dezenas de milhares de jovens na capital da Austrália. Na época, Morrison alegou ao *The Guardian* (2020, n. p.) que as escolas deveriam “ser lugar para aprendizagem, não para ativismo”.

Entre suas principais reivindicações, o *Fridays for Future* demandava a construção de um futuro seguro a todos abaixo dos 1,5°C, o respeito ao Acordo de Paris, como garantia de justiça e equidade climática, e a união pela ciência, através do apoio a fontes confiáveis de pesquisas científicas de alto nível e relevância como o IPCC (Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas) da ONU, que tornou público o consenso da comunidade científica a respeito do aquecimento global e da necessidade de ação imediata por meio de seus relatórios.

A primeira greve global pelo clima convocada pelo *Fridays for Future* aconteceu no dia 15 de março de 2019, reunindo 1,4 milhões de pessoas no mundo todo (BOULIANNE; LALANCETTE; ILKIW, 2020). Segundo seus organizadores, as medidas de cooperação internacional deveriam proporcionar soluções efetivas no momento presente, ou seja, que não

poderiam ser relegadas às gerações futuras. O formato das greves foi híbrido: enquanto as ruas de diversas capitais eram tomadas por protestos, na esfera online os twitaços e postagens no Instagram, Facebook e Twitter eram publicadas com a hashtag *#GlobalClimateStrike* e *#FridaysForFuture*.

O movimento passou a ganhar respaldo da comunidade científica e, com isso, ainda mais adesão. Um grupo formado por 240 cientistas publicou uma carta aberta declarando apoio ao movimento e afirmando que as reivindicações elaboradas pelo *Fridays for Future* estavam baseadas em pesquisas científicas de alto nível e confiança (SCIENTIFIC AMERICAN, 2019). *Scientists for Future* [Cientistas pelo futuro] e *Parents for Future* [Pais pelo futuro] são exemplos de grupos liderados por profissionais e famílias que surgiram em apoio aos jovens estudantes.

Conforme as reivindicações coletivas das greves pelo clima se faziam visíveis, a figura de Greta se tornou uma liderança aos olhos da grande mídia. Sua maneira de se posicionar fez com que ela sofresse perseguições virtuais, fosse vítima de discursos de ódio e de *fake news*, além de memes - inclusive por parte de políticos que definiram o tom da ativista como dramático (G1, 2019). Por outro lado, na mesma intensidade dos discursos negativos, Greta também inspirou jovens a se manifestarem, assim como a se apropriarem da sua estratégia de ação e defendê-la nas redes. Conforme os *haters* se organizavam e atuavam nas redes sociais para desvalidar sua voz, os movimentos ambientalistas também se organizavam para afirmar ainda mais o posicionamento da ativista de apoio à ciência. Não à toa, a revista *Times* elegeu Greta Thunberg personalidade do ano de 2019⁵⁹ e seu nome esteve entre os indicados ao Prêmio Nobel da Paz em 2020⁶⁰.

A segunda edição das greves pelo clima aconteceu em 20 de setembro de 2019 e reuniu 7,6 milhões de pessoas em 185 países, o que significa que foi um dos maiores protestos ambientais da história (BOULIANNE e OHME, 2021). Os protestos foram organizados para coincidir com a Cúpula do Clima. O evento, sediado em Nova York, reuniu 200 líderes de diversos países para atualizarem seus planos de redução das emissões de gases que causam o efeito estufa e criarem estratégias concretas capazes de neutralizar as emissões de carbono até 2050.

⁵⁹ Matéria disponível em: <https://time.com/person-of-the-year-2019-greta-thunberg/>. Acesso em 27/07/2022.

⁶⁰ Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2019/mar/14/greta-thunberg-nominated-nobel-peace-prize>. Acesso em 27/07/2022.

Dessa vez, a mobilização extrapolou a atuação de jovens ativistas. Empresas de tecnologia também participaram das greves, como foi o caso da Wordpress, que disponibilizou um *plugin* automático a seus clientes que os permitia habilitar um banner da “greve digital pelo clima” em qualquer *homepage* hospedada pela empresa, levando os protestos para além do espaço delimitado das redes sociais (WORDPRESS, 2019).

2 Prática de autonomia nos movimentos em rede

Ainda que Greta seja uma verdadeira inspiração, o movimento *Fridays for Future* não tem uma liderança formal e se estrutura horizontalmente usando as tecnologias digitais. Jovens de diferentes partes do mundo atuam como agentes informativos da pauta climática a partir de seus próprios contextos, ao mesmo tempo em que promovem a ação ativista do *Fridays for Future* enquanto ação coletiva. Assim, a produção de conteúdo se converte em ação *offline* quando os consumidores midiáticos se tornam participantes ativos dos protestos.

A título de exemplo, citamos o caso da jovem Vanessa Nakate. Ativista ambiental com experiência em ações ambientalistas como o movimento *Rise Up*, ela foi a primeira a fundar o movimento *Fridays for Future* em Uganda, em 2019. Inspirada por Greta, a jovem protestou sozinha em frente ao Parlamento de Kampala, até que mais jovens se uniram a ela. De forma diferente de Greta, cujos discursos se baseavam sobretudo no apoio à ciência, a principal reivindicação de Vanessa era por políticas públicas que solucionassem as enchentes e secas extremas na região onde morava, mostrando como os episódios climáticos causam problemas que afetam diretamente a população ugandense, como fome extrema e outras condições de saúde. Sua experiência como ativista foi transformada em um livro autobiográfico traduzido para diversas línguas e a jovem viajou o mundo discursando em eventos e fóruns sociais. Em 2021, seguindo os passos de Greta, Vanessa foi capa da revista *Times*, sendo reconhecida como uma das principais vozes da juventude pelo clima na atualidade⁶¹.

⁶¹ Matéria disponível em: <https://time.com/6109452/vanessa-nakate-climate-justice/>. Acesso em 27/07/2022.

De modo semelhante, Samela Sateré Mawé é representante do movimento *Fridays for Future* no Brasil. A jovem indígena do povo Sateré Mawé também é integrante e comunicadora da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib) e da Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade (Anmiga), além de apresentadora do canal *Reload* no Youtube e colaboradora do portal de notícias Amazônia Real. A atuação articulada nos diversos coletivos e organizações dos quais ela faz parte pretende conectar a pauta climática à pauta indígena, apresentando as comunidades indígenas como aliadas da luta climática e fortalecendo a luta pela demarcação das terras indígenas.

Em setembro de 2021, Samela Sateré Mawé discursou ao lado de Greta Thunberg em uma sessão temática no Senado Federal que tratou sobre os dados do relatório do IPCC (TV SENADO, 2021). No contexto da pandemia da Covid-19, a participação das duas se deu por videoconferência. Por videochamada da Suécia, Greta disse que “os direitos dos indígenas e justiça climática caminham lado a lado, pois eles cuidaram da natureza por milênios. Agora denunciemos que povos indígenas em todo o mundo estão sendo ameaçados e mortos por protegerem a natureza” (TV Senado, 2021, n. p.). Samela, por sua vez, falava ao vivo das ruas enquanto participava da 2ª Marcha das Mulheres Indígenas, mobilização que acontecia naquele mesmo dia em Brasília. A ativista declarou: “Tudo o que está acontecendo hoje nas terras indígenas pode acontecer algum dia no seu território também. As pessoas só se importam com mudanças climáticas quando isso afeta elas. Mas nós, povos indígenas, seguramos o céu para que ele não caia na cabeça de todos nós, porque nossa luta é coletiva” (TV SENADO, 2021, n. p.). Em outubro de 2021, as duas se encontraram presencialmente nas greves pelo clima que ocorreram durante o evento da COP 26, o qual reuniu em Glasgow integrantes do movimento *Fridays for Future* de diversos países para uma nova greve pelo clima.

Para realizar ações coordenadas, o movimento *Fridays for Future* utiliza ferramentas multimodais de forma a que mais vozes possam participar dele ativamente. Grupos de trabalho, especialmente em aplicativos de conversa como Whatsapp e Telegram, são formados para reunir ativistas em frentes específicas. Diversos perfis são criados nas redes sociais como Instagram, Facebook e Twitter para difundir campanhas e gerar mobilizações locais nas

idades participantes. Dessa maneira, cada região pode tratar das mudanças climáticas a partir da sua própria percepção e vivência, visibilizando problemas locais como enchentes, desmatamentos e incêndios florestais, e, assim, criar campanhas específicas em defesa de comunidades tradicionais e reivindicar políticas públicas verdadeiramente necessárias às suas comunidades.

Nesse sentido, todas as campanhas locais criadas como parte do movimento *Fridays for Future* são indexadas ao movimento global através das *hashtags* e compartilhadas por pessoas de outras cidades e países, além de abaixo-assinados e petições que ganham maior alcance e número de assinaturas quando circulam por mais regiões. A pluralidade de causas relacionadas ao movimento contribuiu para a adesão de organizações não-governamentais, como o Greenpeace e o 350.org, e para a participação de ativistas de outros movimentos, que incorporaram as greves pelo clima como estratégia de articulação global.

Sarah Pickard (2019) analisa os protestos como uma das maneiras que esses jovens encontraram para lidar com os sentimentos de angústia, frustração, ansiedade e estresse diante da falta de perspectiva de futuro, que é um dos efeitos da crise climática. Tais sentimentos, já nomeados por alguns de “eco-ansiedade” (BBC NEWS, 2019), nascem do medo crônico causado pelos relatos cada vez mais frequentes das consequências do aquecimento global nas populações, dentre as quais os jovens seriam os mais afetados nas próximas décadas. Pickard identifica essa forma de fazer política e de se posicionar como tática *Do-it-Ourselves* (DIO), uma versão coletiva de DIY [faça-você-mesmo], em que cidadãos tomam para si iniciativas individuais e coletivas por não encontrarem representação nas instituições tradicionais:

Políticas DIO assumem múltiplas formas individuais e coletivas nas arenas pública e privada. Primeiro, políticas DIO são adotadas em nível individual nas políticas de estilo de vida. Para ambientalistas comprometidos, isso implica em um conjunto de ações voltadas a reduzir suas emissões de dióxido de carbono e pegadas ecológicas. Medidas populares incluem veganismo, ciclismo, reciclagem, boicotes, consumo consciente, voluntariado e evitar usar plástico e voar de avião. Muitos jovens ativistas falaram das escolhas conscientes que fazem no dia-a-dia a partir dos seus compromissos com o meio ambiente e valores mais amplos. Para eles, é uma forma de viver eticamente e em harmonia com suas preocupações ambientais, apesar de dentro de certos limites (PICKARD, 2019, p. 05, tradução nossa).

A ideia de agir por conta própria para gerar algum tipo de mudança social, como aponta Pickard, nos remete à definição de cultura de autonomia proposta por Castells (2017). A autonomia, para o autor, é resultante das novas dinâmicas comunicativas, uma vez que as redes sociais permitem formas de conexão mais interativas e descentralizadas que impactam na organização e atuação dos movimentos sociais na contemporaneidade.

A comunicação no espaço online é hoje fundamental para a eficácia da mobilização social. As redes multimodais, constituídas a partir da combinação entre meios de comunicações *online* e *offline*, proporcionam novas experiências sociais ao disponibilizar recursos interativos capazes de manter uma causa social em constante debate ao interligar experiências pessoais e problemas da humanidade. Ao mesmo tempo, essas redes funcionam como agenda que organiza o tempo coletivo dos protestos e ações nas ruas. A capilaridade dessa forma de ativismo garante o surgimento de múltiplos *clusters* [pólos], em que usuários trocam informações sobre problemas com os quais se preocupam e combinam formas de agir conjuntamente. Tal capilaridade cria uma estrutura em rede dinâmica e na qual a internet é mais do que um instrumento, pois “cria condições para uma forma de prática comum que permite a um movimento sem liderança sobreviver, deliberar, coordenar e expandir-se” (CASTELLS, 2017, p. 197).

De modo geral, os movimentos em rede atuam de maneira híbrida, tanto pelos fluxos da internet como pela convivência entre as pessoas no espaço público. Essa combinação produz um novo espaço social, que Castells chama de espaço de autonomia, entendido como uma “nova forma espacial dos movimentos em rede” (idem, p. 193). De modo geral, o autor define a autonomia da seguinte maneira:

Autonomia refere-se à capacidade de um ator social tornar-se sujeito ao definir sua ação em torno de projetos elaborados independentemente das instituições da sociedade, segundo seus próprios valores e interesses. A transição da individuação para a autonomia opera-se por meio de constituição de redes que permitem aos atores individuais construir sua autonomia com pessoas de posição semelhante nas redes de sua escolha (CASTELLS, 2017, p. 200).

Dessa forma, o autor demonstra como o processo de individuação, ao ser orientador do comportamento dos sujeitos, é parte do percurso lógico que leva à ação coletiva dos movimentos em rede. Tomando como exemplo o próprio

histórico do movimento *Fridays for Future*, sentimentos de insatisfação e de angústia, somados à vontade de agir por conta própria, se tornaram disparadores de ação e conexão entre jovens ativistas espalhados no mundo todo.

A própria criação do movimento *Fridays for Future* só foi possível graças à ação viral que teve como base o compartilhamento de sentimentos. Incomodada com a inação dos governantes em relação às políticas climáticas, Greta agiu por conta própria e protestou sozinha, declarando não ter motivos para ir à escola quando o futuro está sendo ameaçado. Em uma de suas primeiras entrevistas, Greta disse a um jornalista: “percebi que ninguém estava fazendo nada para impedir que isso [o futuro ser ameaçado] aconteça, então eu precisava fazer alguma coisa” (BBC NEWS, 2019, n. p.).

Ao compartilhar seu gesto nas redes sociais, Greta fez com que a ação fosse reverberada de forma que mais pessoas se juntaram a ela em frente ao Parlamento de Estocolmo e, depois, em outras partes do mundo, decretando greves escolares e pressionando os governantes. O surgimento de outras figuras como Vanessa Nakate, em Uganda, e Samela Sateré Mawé, no Brasil, prova que o ativismo pelo clima do *Fridays for Future* não se limita a uma pauta específica ou forma única de atuar, mas constitui-se como um universo discursivo; este, pela soma de experiências e perspectivas locais, cria uma forma de coletividade global que extrapola os limites geográficos, pois as pautas estão conectadas por um propósito comum.

3 Um universo de lutas: transmidialidade no ativismo pelo clima

O uso generalizado das mídias sociais contribuiu para que fossem estabelecidos modelos alternativos de comunicação no ativismo contemporâneo. Movimentos sociais passaram a utilizar as plataformas digitais como espaços públicos para a organização, deliberação e ação coletiva (CASTELLS, 2017), como é o caso dos seguintes movimentos, amplamente abordados em pesquisas anteriores: *Occupy Wall Street*, *Indignados*, *Black Lives Matter*, *Zapatista* e *Primavera Árabe* (GERBAUDO, 2021; CASTELLS, 2017). Combinando ações *online* e *offline*, esses movimentos se estabeleceram como uma rede descentralizada e sem lideranças que, para além de outros

meios de comunicação, usam as redes sociais para costurar suas ações, garantindo-lhes coerência como movimento social.

Por meio das mídias sociais, esses movimentos em rede também passaram a narrar acontecimentos a partir de seus próprios pontos de vista, o que foi possível ante o aumento da acessibilidade de ferramentas de produção, edição e distribuição de conteúdos audiovisuais. A produção midiática foi descentralizada, ou seja, seu monopólio foi retirado dos grandes veículos de comunicação. No mesmo sentido, os movimentos sociais passaram a usar conteúdos produzidos por seus participantes nas suas narrativas oficiais (COSTANZA-CHOCK, 2014).

De modo semelhante, o ativismo climático é atualmente caracterizado por uma extensa produção de conteúdo que circula tanto em perfis pessoais como em colaborações em grupos (BOULIANNE e OHME, 2021). No caso do *Fridays for Future*, sua presença se dá no Instagram, Twitter, Facebook, Medium e Youtube, além das informações relacionadas ao movimento circularem através de *newsletters*, mensagens de WhatsApp e arquivos compartilhados em nuvem por servidores como o Google Drive. Este último tem sido uma plataforma importante para ativistas do mundo todo circularem *releases* de imprensa e materiais de comunicação em arquivos *open source* para Photoshop, de forma que cartazes e *flyers* digitais sejam facilmente adaptados e traduzidos para qualquer idioma.

Carlos Scolari, em entrevista a Fernanda Pires de Sá (2018, p. 131), identifica esse comportamento como característico dos *prosumers*, sujeitos que combinam os papéis de consumidor e produtor e são participantes ativos na circulação de conteúdos nas mídias sociais. Nesse sentido, um *prosumer* ativista é capaz de criar sua própria greve pelo clima e levantar problemas de sua localidade que podem ser incorporados à luta global do *Fridays for Future*. No Instagram, a *hashtag* #FridaysForFuture tem mais de 1 milhão de menções (dado obtido via pesquisa autoral na plataforma em 12 de dezembro de 2021) e existem dezenas de perfis públicos ativos que operam como desdobramentos locais do movimento. No site oficial do *Fridays for Future*, um mapa colaborativo traz as estatísticas de ações realizadas no mundo todo organizadas por países e cidades, de forma que todos os eventos pelo clima que aconteceram no passado, presente e futuro podem ser incorporados à história oficial do movimento⁶².

⁶² Ver mais em: <https://fridaysforfuture.org/action-map/>.

Para além de protestos presenciais, o *Fridays for Future* oferece opções de engajamento a jovens que não podem ir às ruas, promovendo conversas sobre o clima nas escolas, participação em conselhos municipais e em mobilizações online na forma de greves digitais pelo clima. Estas últimas consistem em *cyberstorms*: petições e bombardeamento de mensagens para perfis de líderes políticos, numa ação combinada entre ativistas a partir de um calendário de ações digitais. No âmbito pessoal, o compartilhamento de valores e *lifestyles* que incentivam modos de vida capazes de mitigar os impactos ambientais também fazem parte das estratégias de mobilização do ativismo pelo clima.

Convergência das mídias é a maneira como Jenkins (2009) denomina esse fluxo dinâmico de conteúdos. De acordo com o autor, o termo compreende o livre trânsito da informação pelos meios de comunicação que, por sua vez, são capazes de transformar o comportamento humano. A convergência, contudo, não é entendida como uma ferramenta específica, mas como uma transformação cultural em que consumidores se tornam agentes participativos que conectam informações dispersas entre as mídias, sendo assim responsáveis por uma nova forma de se relacionar em sociedade.

Nesse sentido, a transmidialidade é um conceito importante para se compreender como as tecnologias digitais vêm interferindo na construção das narrativas e na formação de públicos no contexto de convergência das mídias. Como campo de estudo, a transmídia foi ganhando mais relevância conforme essas tecnologias se multiplicavam, de forma que os conteúdos antes limitados às mídias de massa, como o cinema e a televisão, também passaram a ser vivenciados através das redes sociais.

O termo transmídia foi empregado pela primeira vez por Marsha Kinder (1990, *apud* COSTANZA-CHOCK, 2014, p. 47), para se referir à expansão do conteúdo midiático em múltiplas plataformas a partir da observação de como as marcas se desdobravam entre mídias e produtos (COSTANZA-CHOCK, 2014). Mais tarde, Jenkins aplicou o termo ao contexto digital, referindo-se às narrativas dispersas em diferentes canais, que, dessa forma, criavam uma experiência coordenada e unificada. Jenkins define o termo “transmídia” da seguinte maneira:

A narrativa transmídia representa um processo em que elementos fundamentais de uma ficção se dispersam sistematicamente através de múltiplos canais de transmissão com o propósito de criar uma experiência única e coordenada de entretenimento. Idealmente, cada meio faz sua própria contribuição singular para o desenrolar da história (JENKINS, 2007, n. p., tradução nossa)

Por “experiência coordenada”, Jenkins refere-se à criação de universos, que na narrativa transmídia substitui os enredos fechados e personagens predefinidos. Para isso, o universo da transmidialidade demanda a colaboração de diversos segmentos que contribuem com o todo, ao mesmo tempo em que atuam de maneira independente. Em outras palavras, a totalidade desse sistema complexo acontece “na mente dos indivíduos na medida em que podem ser estabelecidas conexões entre os elementos da cultura da mídia” (MARTINO, 2014, p. 35).

Para melhor compreensão do conceito de transmidialidade, analisaremos brevemente, a título de exemplo, sua presença na indústria do audiovisual. Um filme pode existir para além das telas, se tornando também um jogo, páginas interativas na internet, histórias em quadrinhos, álbum de figurinhas, coleções de roupas, dentre outros produtos, conforme a imaginação de seus produtores. Tal mecanismo articulado da transmidialidade possibilita a propagação e a expansão da informação de forma que o “enunciário cumpre o papel de coletor de pistas e aponta para um tipo de engajamento ativo” (SOUSA, 2016, p. 250).

Ainda que a criação de universos opere melhor em narrativas ficcionais, a transmidialidade vem sendo adotada também na prática do jornalismo e do ativismo. Nesses casos, como o universo em questão é a própria realidade, cabe à transmidialidade a tarefa de sistematização desse universo por meio da criação de significados coordenados (HANCOX, 2019). Em resumo, tanto no jornalismo como no ativismo transmídia cada texto opera como um intertexto para todos os outros, e nenhum dos significados produzidos é inteiramente independente do significado dos outros.

Costanza-Chock (2014) sugere que os movimentos sociais sempre se organizaram transmidialmente, todavia esse processo só se tornou mais evidente no ambiente *online*. O que caracteriza o ativismo transmídia é sua capacidade de se espalhar amplamente através da ação dos participantes e da audiência, reduzindo as barreiras de entrada a determinada causa social. A

organização transmídia (COSTANZA-CHOCK, 2014) envolve a criação de narrativas de transformação social através de múltiplas plataformas midiáticas, promovendo assim uma nova identidade coletiva para os movimentos, e, conseqüentemente, novas formas de conscientização dos públicos.

De modo semelhante, Lina Srivastava, em entrevista a Jenkins (2016), definiu como ativismo transmídia a maneira de criar impacto social através de narrativas vindas de vários autores. A descentralização da autoria permite que mais vozes sejam escutadas porque mais pontos de acesso são criados através da multiplicidade de olhares que permeiam os modos de produzir e difundir os conteúdos midiáticos. Ao explorar formatos e linguagens, o ativismo transmídia possibilita experiências imersivas em ambientes de informações complexas, como a crise climática e seus desdobramentos sociais:

E a transmídia responde a pergunta: como você conta a história de um sistema? Existe um risco em trabalhar causas sociais quando você conta uma história por uma única perspectiva ou nó dentro desse sistema. Por exemplo, quando pensamos sobre a questão da água, você pode pensar em infraestrutura, mudanças climáticas, segurança ou saneamento e saúde etc. Você pode trabalhar a partir de um desses aspectos, mas você precisa compreender como esse aspecto pode impactar o resto e transformar todo o sistema. Você precisa saber como contar essa história (JENKINS, 2016, n. p., tradução nossa).

No ativismo transmídia, o trabalho coletivo característico do ativismo se fragmenta em múltiplas narrativas que se dispersam e funcionam focadas em histórias locais, ao mesmo tempo em que compõem a totalidade de uma ideia geral sobre alguma coisa. Donna Hancox (2019) complementa essa ideia da seguinte forma:

A capacidade da transmídia de permitir que os criadores adaptem suas histórias para públicos e plataformas específicas significa que a comunicação eficaz vai além dos conceitos de enredo e estrutura e abrange linguagens mais efêmeras e emotivas de estética e humor (HANCOX, 2019, p. 334, tradução nossa).

Para Hancox, as narrativas dão significado à experiência, por isso ocupam um papel importante no trabalho dos movimentos sociais e organizações. Se a experiência dos indivíduos é o que está na base da justiça social, ativistas precisam criar meios de conectar suas histórias à nossa humanidade compartilhada (HANCOX, 2019, p. 339).

Na transmidialidade da ação comunicativa do *Fridays for Future* para a suspensão das aulas em prol do meio ambiente há a simbolização da desobediência e subversão por parte de quem não acredita na capacidade das instituições responderem prontamente aos problemas causados pelo aquecimento global. Esse gesto foi feito por milhares de jovens que personificam a causa em suas próprias vozes e que também agem enquanto *prosumers*, produzindo e circulando informações das mais variadas formas, utilizando uma combinação de ferramentas para visibilizarem suas preocupações e fazendo com que sua mensagem alcance novos públicos.

De acordo com Jenkins (2016, p. 17, tradução nossa), “os jovens procuram mudar o mundo por todas as mídias necessárias, conectando sua luta a tudo e a todos, traduzindo suas mensagens em memes, vídeo documentários, projeções públicas e outras práticas midiáticas”. O consumo midiático se torna um conhecimento coletivo e compartilhado por uma comunidade interessada na circulação de certas ideias e a produção cultural que nasce dele aponta para modos de participação cidadã, que dá voz aos grupos e indivíduos que não têm acesso às principais formas de distribuição de informação.

Dessa forma, não são apenas as tecnologias que conectam os jovens ativistas entre si, mas também o sentimento comum de indignação e de carência de ação por parte das instituições. O complexo sistema do ativismo pelo clima, no qual não existe um líder, mas diversos responsáveis pelos seus estímulos, torna a causa climática acessível e aumenta as oportunidades de envolvimento públicos, tanto positivos quanto negativos.

Considerações finais

“Greve pelo clima” foi eleita a expressão do ano pelo dicionário *Collins* em 2019 (FOLHA DE SÃO PAULO, 2019). Ainda que seja cedo para mensurar o impacto das greves globais pelo clima, esta pesquisa buscou conectar um conjunto de acontecimentos que revelam algumas das estratégias comunicativas utilizadas coletivamente por jovens ativistas para visibilizar o problema climático enquanto problema social. Em especial, focamos na atuação do movimento *Fridays for Future* que, ao levar para as ruas mais de 7 milhões de pessoas em 2019, colocou no centro do debate mundial a pauta da

urgência do debate sobre o clima e da necessidade de ação global para enfrentar os problemas ambientais.

Ao se apropriar de um conjunto de ferramentas disponíveis nas redes sociais, a juventude ativista tem construído um ecossistema midiático capaz de organizar e produzir informação de forma que a mensagem coletiva seja incorporada por diferentes sujeitos. A título de exemplo, apresentamos o histórico das greves escolares pelo clima que, a partir do gesto individual de Greta Thunberg, levou à suspensão das aulas e à realização de protestos sincronizados no mundo todo, chegando a viabilizar a ação local de outros ativistas, como Vanessa Nakate, em Uganda, e Samela Sateré Mawé, no Brasil. A conexão de problemas locais com a necessidade de ação global foi relacionada por nós à prática da autonomia, entendida por Castells como parte das dinâmicas dos movimentos em rede que apontam para novos modos de organização coletiva a partir da comunicação.

Jenkins considera o protagonismo das juventudes uma nova forma de cidadania em curso, em que a cultura da participação proporcionada pelos fluxos de comunicação em rede se converte em participação política por meio da produção midiática. Nesse sentido, o ativismo transmídia oferece inúmeras possibilidades para que histórias locais sejam integradas à narrativa global do movimento climático. A transmídia é resultado das dinâmicas de convergência das mídias ao criarem novos modelos de interação e participação, capazes de misturar a experiência de consumidores das redes em experiências de cidadania.

A expansão do *Fridays for Future* e o seu potencial transmidiático são responsáveis por um aumento do empoderamento dos cidadãos, na medida em que têm habilitado jovens de diversas partes do mundo a tratarem de forma eficiente a pauta climática no enfrentamento de problemas locais. Esse universo de lutas do ativismo climático criado pelos jovens apresenta uma nova ideia de coletividade global, em que cada um é capaz de agir à sua maneira, mas em direção a propósitos comuns. Em outras palavras, todos esses acontecimentos fazem parte de um mesmo universo narrativo, fragmentado em diferentes formatos, mas em cada um deles há o fortalecimento de uma ideia central: protestar pelo direito ao futuro.

Referências

- BBC News. Greta Thunberg, a adolescente sueca que está sacudindo a luta ambiental. 23 nov. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48022690> Acesso em 21 de jul. 2022.
- BBC News. Eco-anxiety: how to spot it and what to do about it. 27 mar. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/bbcthere/article/b2e7ee32-ad28-4ec4-89aa-a8b8c98f95a5>. Acesso em 08 jun. 2022.
- BOULIANNE, Shelley; LALANCETTE, Mireille; ILKIW, David. School Strike 4 Climate: social media and the international youth protest on climate change. *Media And Communication*, [S.L.], v. 8, n. 2, p. 208-218, 2020.
- BOULIANNE, Shelley; OHME, Jakob. Pathways to environmental activism in four countries: social media, environmental concern, and political efficacy. *Journal Of Youth Studies*, [S.L.], p. 1-22, 2021.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- COSTANZA-CHOCK, Sasha. **Out of the Shadows, Into the Streets!** Transmedia Organizing and the Immigrant Rights Movement. Cambridge: The MIT Press, 2014.
- FISHER, Dana R.; NASRIN, Sohana. Climate activism and its effects. *WIREs Climate Change*, v.12, n.1, 2021.
- FOLHA DE SÃO PAULO. Dicionário Oxford elege 'emergência climática' a expressão do ano de 2019. **Folha de São Paulo**. São Paulo: 21 nov. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/11/dicionario-oxford-elege-emergencia-climatica-como-palavra-do-ano.shtml> Acesso em: 28 out. 2021
- G1. Bolsonaro chama Greta Thunberg de "pirralha", e ela responde. 10 dez. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/12/10/bolsonaro-chama-ativista-greta-thunberg-de-pirralha-e-ela-responde.ghtml>. Acesso em: 08 jun. 2022.
- GERBAUDO, Paolo. **Redes e ruas**: mídias sociais e ativismo contemporâneo. São Paulo: Funilaria, 2021.
- HANCOX, Donna. Transmedia for Social Change. *The Routledge Companion To Transmedia Studies*, [S.L.], p. 332-339, 2019.
- JENKINS, Henry et al. **By any media necessary**: the new youth activism. Nova Iorque: NYU Press, 2016.
- JENKINS, Henry et al. **Cultura da convergência**. 2a. edição. São Paulo: Aleph, 2009.
- JENKINS, Henry et al. **Transmedia storytelling 101**. 21 mar. 2007. Disponível em: http://henryjenkins.org/blog/2007/03/transmedia_storytelling_101.html.
- JENKINS, Henry et al. Telling stories: Lina Srivastava talks about transmedia activism. 19 jan. 2016. Disponível em: <http://henryjenkins.org/blog/2016/01/telling-stories-lina-srivastava-talks-about-transmedia-activism-part-one.html> Acesso em: 08 jun. 2022.
- MARTINO, Luís. **Teoria das Mídias Digitais**: linguagens, ambientes, redes. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- MOOR, Joost de; VYDT, Michiel de; UBA, Katrin; WAHLSTRÖM, Mattias. New kids on the block: taking stock of the recent cycle of climate activism. *Social Movement Studies*, [S.L.], v. 20, n. 5, p. 619-625, 2020.
- MORTON, Timothy. **Being ecological**. Pelican Books, 2018.
- PICKARD, Sarah. Young Environmentalists Are Doing it Themselves. *Political Insight, Political Studies Association (PSA)*, vol. 10, no. 4, p. 4-7, 2019.
- SÁ, Fernanda Pires de. Carlos A. Scolari: ecologia dos meios de comunicação, alfabetização transmídia e redesign das interfaces. *MATRIZES*, 12(3), p. 129-139, 2018.
- SCIENTIFIC AMERICAN. An open letter endorsing the global strike for climate. 14 mar. 2019. Disponível em: <https://blogs.scientificamerican.com/observations/an-open-letter-endorsing-the-global-school-strike-for-climate/> Acesso em: 08 jun. 2022.
- SOUZA, Silva Maria. A transmidialidade como estratégia discursiva. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 14, n.1, p. 241-263, 2016.
- THE GUARDIAN. Scott Morrison tells students striking over climate change to be 'less activist. *The Guardian*. 28 nov. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/environment/2018/nov/26/scott-morrison-tells-students-striking-over-climate-change-to-be-less-activist> Acesso em: 08 jun. 2022

THUNBERG, Greta. **No one is too small to make a difference**. Penguin books, 2019.

TV SENADO. Ativista Greta Thunberg diz, no Senado, que Brasil age de forma vergonhosa em relação à natureza. 24 set. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/tv/programas/parlamento-brasil/2021/09/ativista-greta-thunberg-diz-no-senado-que-brasil-age-de-forma-vergonhosa-em-relacao-a-natureza>. Acesso em 08 jun. 2022.

TV SENADO. Não tem como pensar em Amazônia sustentável sem levar em consideração os indígenas, diz ativista Samela Sateré Mawé. **Youtube**. 10 set. 2021. 1 vídeo (1'7"). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rSiqH87k6zY> Acesso em: 18 jun. 2022.

WORDPRESS. Join us in a Digital Climate Strike. 12 set. 2019. Disponível em: <https://wordpress.com/blog/2019/09/12/digital-climate-strike/>. Acesso em 08 jun. 2022.